

SANTIAGO, CHILE

AB-2129
CII/AB-776
19 março 2001
Original: espanhol

DISCURSO DO PRESIDENTE DO CHILE
NA SESSÃO DE ABERTURA

Ricardo Lagos Escobar

1. Em nome da República do Chile, quero aqui apresentar as mais cordiais boas-vindas aos nossos amigos, governadores, convidados e funcionários do BID. Muito nos alegra recebê-los em nossa casa.
2. Conforme aqui se lembrou, o Chile reconhece o trabalho do Banco, cujo primeiro Presidente foi um ilustre chileno, Felipe Herrera, homem que, com sua audácia e sua capacidade de sedução, conseguiu criar um banco atípico em vários sentidos e que, para muitos, era um banco irrealizável.
3. Houve quem dissesse “como será um banco eficiente se vai ser manejado pelos devedores? Como será um banco eficiente se, em definitivo, a maioria dos que constituem sua Diretoria são latino-americanos que terão participação majoritária em seu capital?”
4. Contudo, no mundo de então, imerso na Guerra Fria, foi possível para nós, latino-americanos, demonstrar que esses temores eram infundados, e aqui estamos em presença de um Banco Interamericano pujante, poderoso, criativo.
5. Por certo, se afastou de modelos existentes, promovendo a assistência técnica, programas de capacitação, projetos destinados ao fortalecimento da educação superior e projetos de ciência e tecnologia.
6. Quando se disse que se tratava de um banco de integração, muitos se olharam surpreendidos com o que se estava dizendo. O Banco, até o dia de hoje, mantém essa característica, e isso é o que nos permite agora suscitar novos temas, com a mesma imaginação e audácia dos fundadores.

7. Por outro lado, a região da América Latina e do Caribe, além de ser um dado, é também uma aspiração:

- É uma geografia, com um sonho de estradas e ligações
- São cercanias, com a ambição de comunidade e integração
- É um passado, com a pretensão de ser futuro
- É uma diversidade que assombra por sua riqueza
- É uma esperança que procura a liberdade, do mesmo modo que sabemos que a noite espera que chegue o dia.

8. E o desenvolvimento, por sua vez, é um processo em que, como muito bem disse o nosso amigo, o Presidente do Uruguai, as regras de ontem não são as mesmas de hoje. O único que sabemos é que o amanhã certamente também nos vai surpreender.

9. E o BID, este Banco Interamericano, iniciou sua missão no limiar dos anos 60, que mais que outra época parece outro mundo: o mundo das economias fechadas – originalmente de fora, do lado da economia internacional – quando ocorreu a Grande Depressão da década de 30, que nos modificou as regras, e observamos governos de todas as tendências alentando as necessárias substituições de importações.

10. Por certo, depois fizemos da necessidade uma virtude, a pesar de que sempre houve vozes que nos preveniram contra o exagerado fechamento.

11. Como é que víamos a integração nos anos 60?

- Como a união de nossas debilidades
- Uma redução de tarifas entre nós
- E a possibilidade de complementar nossas economias, internamente, mas separados do exterior por uma grande muralha. Não nos ocorria a possibilidade de competir no mundo.

12. E a muralha era a de uma economia internacional ainda muito desestruturada e também, cumpre lembrar, a muralha da divisão do mundo em função de uma Guerra Fria, guerra que, por certo, era fria, mas que incendiou muitos de nossos países várias vezes.

13. Entretanto, a partir dos anos 70 e 80, o mundo começa a mudar, depois da crise do dólar na década de 70 e da crise do petróleo, a primeira.

14. Acelerava-se a transnacionalização de grandes empresas. O capital financeiro galopa sobre as novas tecnologias da comunicação. Ambos passavam sobre nossos

muros, os que havíamos tentado construir e, de passagem, certamente terminaram por derrubar o Muro de Berlim.

15. E na nossa região, a América Latina, também fomos capazes de abrir avenidas de maior liberdade, de maior democracia, depois da longa noite de governos autoritários. Fomos capazes de chegar a uma América Latina nova e distinta.

16. Vivemos hoje, talvez, o chamado processo de globalização, como o definia o Presidente Batlle.

17. Podemos discutir sua definição, mas, seja como for, a globalização aqui veio para ficar.

18. O mundo mudou e, ao examinar a realidade a olho nu, nos deparamos com regras do jogo que era preciso voltar a aprender, regras diferentes das que antes nos ensinaram.

19. As condições para sair da crise da dívida contribuíram para tornar mais homogêneas nossas políticas econômicas, como jamais ocorrera na história das políticas econômicas da América Latina. Havíamos voltado ao cenário da economia internacional, em outras condições, voltado ao tempo do chamado “Consenso de Washington”, em que não tínhamos dúvida sobre o que tínhamos de fazer.

20. Em alguns países, essa globalização e o acercamento a essas novas modalidades foram feitos segundo um sistema democrático e os custos sociais talvez tenham sido menores. Aqui o fizemos metade num governo autoritário e metade num governo democrático. Os custos sociais, num processo autoritário, são mais difíceis.

21. A democracia procura assegurar mais equidade – nem sempre o consegue – mas quando não há democracia, uma coisa é certa: os custos são sempre repartidos de modo injusto. Os vencedores e perdedores se conhecem de antemão. Na democracia, pelo menos existe a possibilidade de reparação.

22. E em nossas democracias, temos hoje a sensação de que, a pesar de haver feito as tarefas, o crescimento estável continua esquivo e a equidade é mais uma busca que uma certeza. A pobreza continua entre nós, agressiva e cruel, criando injustiças cada dia.

23. Conhecemos as tarefas que nos toca fazer, e as que realizamos. Temos hoje um crescimento de 5% a 5,5%; temos uma inflação que este ano será de 3%; temos um nível de abertura de nossas tarifas da ordem, daqui a três anos, de 6%, com algumas exceções, me apresso em dizer, para que Jorge Batlle não me chame a atenção na próxima reunião, mas temos sido sim capazes, juntamente com o acima exposto, de avançar em outros âmbitos: queremos aumentar nossa abertura no mercado de capitais, fomos capazes de gerar espaço suficiente para a autonomia de nossas políticas monetárias. Em boa hora. E hoje aqui vimos uma declaração de coragem quanto às tarefas a realizar, por parte do Presidente de la Rúa.

24. Aqui ele claramente afirmou o compromisso de seu governo com boa parte dos grandes temas que são o ponto de partida para construir. E não se pode deixar de aplaudir a coragem, a força da decisão que há detrás dela, e de oferecer o apoio que todos devemos prestar, porque a sorte da Argentina é a sorte de cada um de nossos países. Boa sorte, Presidente, pela decisão que hoje tomou.

25. Também vivemos uma realidade distinta da realidade de uma década atrás. Dificilmente teremos a abundante poupança externa que inundava nossas economias e que permitia financiar déficits compatíveis com um crescimento estável.

26. Nossas condições são diferentes. Teremos de voltar a aprender a crescer com menos poupança externa e a ser mais produtivos e mais eficientes. A tarefa consiste em vencer os desafios a que se referiu Enrique Iglesias.

27. Entretanto, quando se é mais eficiente, quando com menor número de trabalhadores produzimos mais, teremos aumentado a produtividade, mas teremos também gerado as condições para um problema de desemprego, que não é menor.

28. Isto é então o que nos obriga a ser claros, e quero expressá-lo aqui claramente: o mundo de hoje nos obriga a ter os pés no chão em dois mundos. Por um lado, intensificamos nossa participação na economia mundial, e esta é uma viagem em que só cabe avançar. Não há retrocesso. Por outro lado, somos a América Latina, aqui estão nossas raízes, nossos vizinhos, nossos irmãos, nossa cultura, nossa história, nosso futuro.

29. Por isso fazemos esforços para integrar-nos às novas condições. Por isso, a partir de uma realidade como é o Mercosul, está com a razão Fernando de la Rúa quando diz “aí começa a integração entre nós”. Trata-se de um pé, para que nos atrevamos a colocar o outro no mundo global, do qual queremos participar.

30. Digo que nos tocou ter os pés no chão em dois mundos, pois desse modo nos abrem possibilidades impensadas na economia internacional e, ao mesmo tempo, ainda temos problemas na distribuição de nossa renda; nossas instituições relacionadas com a economia internacional são mais modernas que as instituições por nós desenvolvidas, do ponto de vista do desenvolvimento social.

31. Se nos vamos integrar nesse mundo de comércio mundial, em algum momento também nos perguntarão por nossa legislação social, trabalhista e ambiental. E creio que temos de ser claros com respeito a esses temas, porquanto queremos que as normas sejam estabelecidas por nós, e não por outros. Mas esse tema vai sair? Sim senhor, vai sair!

32. Por conseguinte, assim como devemos ser sérios e sabemos o que temos de fazer, do ponto de vista do que são nossos condicionantes de política econômica, seriedade fiscal, orçamento equilibrado, inflação baixa, tarifas baixas para que sejamos competitivos no mundo, também temos de ser capazes de crescer com uma rede de

proteção social para nossa gente – e não se diga que, havendo uma rede de proteção social para nossa gente, estamos simplesmente perdendo condições de competitividade.

33. Não há incompatibilidade em pertencer a esse mundo do desenvolvimento, e dele participar, com o que temos de fazer aqui em casa.

34. Se competimos e temos economias com altos níveis de evasão tributária, não somos sérios. Em outras palavras: porque os outros pagam os \$ 3,5 bilhões de subsídio à agricultura, entre outras coisas, pois têm arrecadações tributárias que não estão longe dos níveis que alcançamos nesse contexto.

35. Queremos ser, então, países sérios; assim como conhecemos as tarefas econômicas que é necessário fazer, também sabemos que temos tarefas sociais ainda pendentes que é necessário abordar de comum acordo entre todos.

36. Ao mesmo tempo, temos de ser capazes de realmente integrar-nos, entre nós. E integrar-nos entre nós não se refere a integração somente de tarifas, tema em que a direção está fixada para todos. Também temos de integrar-nos no que se refere a geografia, e daí a integração de infra-estruturas, e no que se refere a política, e daí a convergência da necessidade de ter políticas comuns ante uma série de temas; a necessidade de ter objetivos comuns nesse âmbito é o que torna nosso processo de integração, com nosso pé na região, um elemento central para poder enfrentar o desafio que se apresenta.

37. Creio, então, que é conveniente entender que essa situação de ter, como latino-americanos, os pés em dois mundos, é da essência da América Latina. O posicionamento dos latino-americanos sempre existiu nessa ambigüidade.

38. Temos duas tarefas simultâneas e complementares: devemos integrar-nos ao mundo que viaja para a globalização e temos de fazê-lo com uma plataforma comum, que devemos decidir entre nós.

39. Sejam claros: a agenda comercial está coincidindo com uma agenda mais ampla do desenvolvimento. Não vamos escolher autarquia sem desenvolvimento e tampouco vamos escolher desenvolvimento sem integração. Creio que essa é a questão fundamental a ser aqui decidida.

40. Não nos vamos dividir por nível de tarifa, pois todos sabemos onde chegarão as tarifas. Assim, façamos os trabalhos que temos de fazer, que são muito mais amplos e que se referem, em definitivo, a crescimento com igualdade de oportunidades para todos, pois essa é a medida ética de nosso tempo.

41. E é aqui onde temos de ser capazes de participar nesse novo mundo, à altura dos desafios que defrontamos. Há exigências para a participação na economia internacional com proveito, o que implica notável conteúdo ético.

42. Não pedimos que a viagem se detenha, mas lutamos por viajar melhor, pois não queremos que na viagem da América Latina, como disse Eduardo Galeano, haja *mais naufragos que sobreviventes*. Queremos uma viagem em que todos sobrevivam em melhores condições.

43. Cada década, cada ano, cada dia, é um novo desafio. Hoje temos – e o Presidente Iglesias nos fazia lembrar – o desafio de um hiato digital que, se não tomarmos medidas, será cada vez maior, e isso os senhores bem sabem.

44. É aqui, então, segundo me parece, meus amigos e amigas, que o papel deste Banco Interamericano de Desenvolvimento é, como o foi antes, estimular o processo que esta região vive, de integração entre nós e, ao mesmo tempo, de integração na economia internacional.

45. O BID é mais que um banco. Também é uma idéia, um sentimento. Por sua vez, tem um enorme desafio institucional, que consiste em apoiar projetos inovadores de desenvolvimento e em ser um foro fidedigno para o manejo de complexos aspectos da integração regional, quais sejam as novas redes de informação tecnológica, a infraestrutura no âmbito de um processo de integração ou a forma de entender de que maneira podemos dispor de uma plataforma comum para enfrentar o que irá ser o mundo global para o qual rumamos.

46. Esse mundo para o qual nos dirigimos obedece às normas e regras que aqui se expuseram com tanta clareza. Tentar modificá-las requer enorme força e perfeita coincidência entre nós.

47. Esse talvez seja o compromisso fundamental a ser mantido. O Banco, definitivamente, também é uma comunidade ética. Nesse sentido ético, tem duas dimensões: uma, que se refere a prestação de serviços, o que vem fazendo nestes quase 50 anos, e outra, relativa aos valores essenciais, procurados por aqueles que fundaram o BID, e que continuam vigentes, embora num mundo distinto, em que buscamos a maneira de compatibilizar esses valores com as tarefas concretas do aqui e do agora.

48. Por esse motivo, creio que esta Quadragésima Segunda Assembléia de Governadores é realizada num momento crucial, e não me cabe a menor dúvida que os senhores poderão trazer novas luzes para que cheguemos à próxima reunião com renovado entusiasmo, mais certezas e menos perplexidades.